

PSICANÁLISE E SEMIÓTICA: UMA POSSÍVEL INTERLOCUÇÃO?

WALDELANGE SILVA DOS SANTOS
Professor Titular do Estado de Pernambuco
lange_lp@yahoo.com.br

RESUMO: Partindo de algumas afirmações de Lacan sobre o significante como aquilo que não significa absolutamente nada, como algo absolutamente vazio de sentido, caberia (e nos restaria) aqui, a seguinte indagação: que relação poderia ter a psicanálise com uma teoria do sentido, como a semiótica? De antemão o questionamento parece estar destinado ao fracasso, não fosse o postulado lacaniano de o inconsciente ser estruturado como uma linguagem. É a partir do trivial parentesco da linguagem com a psicanálise que este artigo tem como objetivo analisar a possível relação entre as teorias em questão. Para isso, comparar-se-á a definição de linguagem tal como é feita pela Semiótica de A. J. Greimas e o uso que Lacan faz desta.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica, Significante e Psicanálise.

ABSTRACT: Building on some of Lacan's statements about significant for what it means absolutely nothing, and absolutely devoid of meaning, it would (and would remain) here, the following question: What relationship could have psychoanalysis with a theory of meaning, as the semiotics? Beforehand, the question seems to be doomed to failure, was not the postulate of the Lacanian unconscious to be structured as a language. It is from the trivial relationship between language and psychoanalysis that this article aims to analyze the possible relationship between the theories in question. For this, it will be compared definition of language as defined by the Semiotics of A. J. Greimas and the use Lacan makes of this.

KEYWORDS: Semiotics, Significant and Psychoanalysis

1. SAUSSURE: O SIGNO LINGÜÍSTICO E SEUS PRINCÍPIOS

No período medieval, dizia-se que o signo era *aliquid pro aliquo* (alguma coisa em lugar da outra). Essa definição mostra que o signo não é realidade. Saussure vai precisar bem esse fato, quando diz que o signo não une um nome a uma coisa, mas um conceito a uma imagem acústica. O que o mestre genebrino quer mostrar-nos é que o signo não é um conjunto de sons, cujo significado são as coisas no mundo. O signo é a união de um conceito com uma imagem acústica, que não é o som material, físico, mas a impressão psíquica dos sons, perceptível quando pensamos numa palavra, mas não a falamos. O signo é uma entidade de duas faces, uma reclama a outra, à maneira do verso e do anverso de uma folha de papel. Percebem-se as duas faces, mas elas são inseparáveis.

Ao conceito Saussure chama *significado* e à imagem acústica, *significante*. Não existe significante sem significado; nem significado sem significante, pois o significante sempre evoca um significado, enquanto o significado não existe fora dos sons que o veiculam. A imagem acústica /gatu/ não evoca um gato particular, mas a idéia geral de gato, que tem um valor classificatório. Na criação desse conceito, a língua não leva em conta as diferentes raças, os tamanhos diversos, as cores várias etc. Faz abstração das características particulares de cada gato, para instaurar a categoria de /felinidade/. O significado não é a realidade que ele designa, mas a sua representação. É o que quem prega o signo entende por ele.

A definição de signo dada por Saussure é substancialista, pois ela trata do signo em si, como união de um significante e um significado. No entanto, no *Curso de Lingüística Geral*, ele insiste no fato de que na língua não há diferenças, ou seja, de que cada elemento lingüístico deve ser diferente dos outros elementos com os quais contrai relação. Por isso, é preciso considerar o signo não mais em sua composição, mas em seus contornos, dados por suas relações com outros signos. Daí, Saussure criar a noção de *valor*, que já foi mencionada. Com ela, dá-se uma definição negativa do signo: um signo é o que os outros não são. O valor provém da situação recíproca das peças na língua, pois importa menos o que existe de conceito e de

matéria fônica num signo do que o que há ao seu redor. A significação é, então, uma diferença entre um signo e outro signo, pois o que existe na língua são a produção e a interpretação das diferenças. Para Saussure, o signo lingüístico tem duas características principais, ou seja, os dois princípios que regem o signo lingüístico são: a *linearidade* e a *arbitrariedade*.

1.1. A ARBITRARIEDADE DO SIGNO

O problema da arbitrariedade do signo é um ponto discutido em toda a história da ciência da linguagem. Desde a Antiguidade especula-se sobre a relação existente entre o significado e o significante. No *Crátilo*, de Platão, discute-se a respeito dela. Crátilo diz que o significante *thései* (por convenção). Sócrates inclina-se a reconhecer que a relação que o significante e o significado feita por semelhança é superior àquela feita arbitrariamente, mas que, em geral, essa relação é feita por convenção.

Para Saussure, o signo lingüístico é arbitrário e, portanto, cultural. Arbitrário é o contrário de motivado, o que significa que, quando afirma que o signo lingüístico é arbitrário, está querendo dizer que ele não é motivado, ou seja, nenhuma relação necessária entre o som e o sentido, que não há nada no significante que lembre o significado que não há qualquer necessidade natural que determine a união de um significante e de um significado. Isso é comprovado pela diversidade das línguas. A palavra mar é *sea* em inglês; a palavra boi é *ox* em inglês. Verifica-se, portanto, que, nos sons *mar* ou *sea*, ao há nada que lembre o significado “massas de águas salgadas do globo terrestre”. Mar poderia ser chamado *estunque*, se os homens convencionassem que esse deveria ser seu nome.

Algumas pessoas criticaram a concepção de arbitrariedade do signo, mostrando que as onomatopéias, como *ai*, *oh*, *ah*, são motivadas. No entanto, é preciso dizer que, em primeiro lugar as onomatopéias ocupam um lugar marginal na língua e, depois, que também elas são submetidas às coerções fonológicas de cada língua, o que explica que os sons produzidos pelos animais, por exemplo, variam de língua para língua. Assim, em português, o gato ronrona e

o cachorro rosna; em inglês, as vozes desses animais são designadas, respectivamente, pelos verbos *purr* e *snarl*. Isso não quer dizer que, nos Estados Unidos ou na Inglaterra, os gatos e cachorros ronronem e rossem diferentemente dos gatos e cachorros do Brasil ou de Portugal, mas que as onomatopéias não imitam tão naturalmente os sons, como nos querem fazer crer.

O corolário da arbitrariedade é a convenção. Diz Saussure que afirmar que o signo é arbitrário não significa que o significado depende da livre escolha do falante (1969:83), pois já está nas mãos do indivíduo a capacidade de mudar nada num signo lingüístico, já que ele é social. A arbitrariedade da relação significante e significado quer dizer que ela é convencional, isto é, repousa numa espécie de acordo coletivo entre os falantes.

O próprio Saussure vai atenuar o princípio da arbitrariedade do signo, fazendo uma distinção entre o que é absolutamente arbitrário e o que é relativamente arbitrário. Um signo como mar é absolutamente arbitrário, porque não há nenhuma motivação no liame que une o significante e o significado. Já um signo como *dezenove* lembra os dois signos que o compõem, *dez* e *nove*. Como o significado de *dezenove* é “dez + nove” e o significante é composto dos dois signos *dez* e *nove*, ele é relativamente motivado. Os signos *dez* e *nove* são absolutamente arbitrários.

A arbitrariedade do signo não se aplica a todas as linguagem, pois há linguagens que têm signos em que a relação entre significante e significado é motivada. Podemos tomar como exemplo as linguagens visuais, as etimologias populares, os “jogos” dos dicionários e, principalmente, as poesias, onde a motivação do signo aparece com toda força, no momento em que o poeta busca motivar a relação entre o significante e o significado. Embora os exemplos acima não façam parte do estudo em questão, além de merecerem considerável atenção, servem para mostrar que, mesmo estando correta a afirmação saussuriana de que os signos lingüísticos são arbitrários, ele deveria ter matizado, pois, em muitos casos, em todos os níveis da língua aparecem motivações.

1.2. A LINEARIDADE DO SIGNIFICANTE

O caráter auditivo do significante lingüístico faz com que ele se desenvolva no tempo. Ele representa uma extensão e essa extensão é mensurável numa só dimensão, é uma linha. A escrita, ao representar a fala, representa essa linearidade no espaço.

A linearidade é uma característica das línguas naturais, segundo a qual os signos, uma vez produzidos, dispõem-se uns dos outros numa sucessão temporal ou espacial. Por causa dessa característica, não se pode produzir mais de um elemento lingüístico de cada vez: um som tem que vir depois do outro, uma palavra depois da outra, e não se podem produzir dois sons ao mesmo tempo ou duas palavras ao mesmo tempo. A linearidade do signo lingüístico gera certos constrangimentos para o pensamento, uma vez que para tornar nossos pensamentos conhecidos só temos a linguagem. O problema reside no fato de o pensamento e a linguagem serem de ordens diferentes, em que pese, ainda, a faculdade de a linguagem realizar-se tão somente no âmbito de uma língua – que se desenvolve em termos de causa e efeito. Entretanto, como se viu acima, o pensamento é pujante, ágil, desorganizado, criativo, caótico, nossa fonte de idéias e soluções, e funciona em termos de “x lembra y que lembra z que lembra..., e assim por diante.” Dessa forma, *ad infinitum*, através de associações livres e simultâneas, sem linearidade, muito menos causalidade.

Mas a língua gera causalidade. Para tornar nosso pensamento conhecido para um ouvinte, é preciso restringi-lo a uma linearidade (e a uma causalidade, para que o ouvinte não se perca) que não lhe é natural. É preciso “forçar o encaixe” do pensamento dentro de uma forma que lhe é alheia. E isso tem relação com parte de nossos tropeços na fala e na escrita. Além disso, a linearidade do signo respeita uma ordem causal que não existe no pensamento, e muito menos no inconsciente. Eis um dos impasses da linguagem: de fato inaugura um campo de sentido, mas de tal forma heterogênea que impossibilita qualquer causalidade linear.

1.3. O VALOR LINGÜÍSTICO

Os princípios anteriores servem para esclarecer melhor o conceito de valor lingüístico. Se a língua é um sistema de signos solidários, um sistema de elementos que se relacionam entre si em função de sua diferença, o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros. Em outras palavras, não há signo fora do sistema de signos, pois um signo só significa em relação aos outros: arbitrário e diferencial são correlativas. Em lugar de idéias dadas de antemão, valores emanam do sistema.

Tudo isso equivale a dizer que na língua só existem diferenças. O que é um sistema lingüístico? É uma série de diferenças de sons combinados com uma série de idéias; essa confrontação de certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento, engendra um sistema de valores atribuídos pela massa falante do próprio falante/ouvinte.

1.4. RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS E RELAÇÕES ASSOCIATIVAS

Um último conceito, também resultado do postulado básico de Saussure de a língua ser um sistema de relações solidárias, são as relações sintagmáticas e as relações associativas.

As *relações sintagmáticas* ocorrem na presença do falante e do ouvinte do sintagma (da frase). O que está sendo levado em consideração é a capacidade de o falante unir sintagmas (prefixos, sufixos, palavras, frases) do mais curto ao mais extenso, pertencentes a sua língua, levando-o à produção de frases. Saussure coloca graficamente essas relações num eixo horizontal, como a linearidade do signo: é o eixo sintagmático, do contexto lingüístico. O problema é que, assim como tudo que se relaciona com a linguagem, algo escapa. Simultaneamente à produção da frase, dá-se algo à revelia do falante, em ausência, fora do sintagma: são as *relações associativas*. Vêm à mente do falante, associações das quais ele geralmente não tem consciência, que escapam a seu controle. Essas associações, numa série mnemônica virtual, podem gerar, por exemplo, um ato falho –

alguma associação de ordem inconsciente que se “intromete” no sintagma, produzindo equívocação, riso, consternação, embaraço, mal-estar. Saussure coloca graficamente essas relações numa linha vertical, à parte da linearidade do signo: é o eixo associativo.

Mais tarde, o lingüista russo Roman Jakobson, a propósito de uma tentativa de elucidar o problema da afasia, debruça-se sobre o tema das relações sintagmáticas e associativas, tal como descritas por Saussure. Jakobson afirma que todo signo lingüístico implica dois modos de arranjo:

- a) A *combinação*, decorrente de o signo ser composto por signos constituintes que aparecem em combinação com outros signos. Uma unidade lingüística serve de contexto em uma unidade mais simples e/ou encontra seu próprio contexto para unidades mais complexas;
- b) A *seleção* entre termos alternativos que se encontram no eixo paradigmático implica a possibilidade de substituição de um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente em outro. A seleção e a substituição são duas faces da mesma operação.

Em face desses dois eixos, ao falar tanto concatenamos quanto selecionamos as palavras. Durante a operação de seleção, que se processa em ausência, fora do sintagma, várias palavras concorrem para “entrar” no sintagma. Isso se deve ao fato de que as relações associativas não funcionam em termos de causalidade linear, como o sintagma (a frase), que é produzido voluntária e conscientemente, seu funcionamento é similar à seqüência “x lembra y”, como já foi visto aqui.

Assim acontece com nos sonhos e nos chistes, onde a organizada série consciente de causa e efeito não bastará para interpretá-los. Trata-se de produções do sujeito que giram em torno das idéias, ao invés de fluxos narrativos únicos – que são úteis apenas para as narrativas de argumentos lineares. Em última análise, trata-se de ferramentas associativas, à semelhança de um passeio sem rumo

consciente pelos corredores da memória. É como pensar, tendo o inconsciente como guia.

Logo, conclui-se que a “livre associação de idéias” como técnica psicanalítica proposta por Freud e seus pacientes encontram respaldo na lingüística de Saussure. Ou, quem sabe, é a lingüística que encontra respaldo na Psicanálise. Para dar suporte às possíveis respostas, iremos verificar em Lacan como ele utiliza a lingüística, enquanto ferramenta, para mostrar a importância da mesma para a psicanálise.

2. PSICANÁLISE E SEMIÓTICA: UMA POSSÍVEL INTERLOCUÇÃO?

Algumas correntes psicanalíticas têm tentado uma proximidade entre a linguagem do inconsciente e a semiótica. Embora tenham se apresentado de forma um tanto desalentadoras no que concerne não à hipótese central do estudo, mas ao estatuto “imaginário” ou niilista que lhe é atribuído, alguns trabalhos sugestivos têm sido realizados, assim como o de Metz e do brasileiro Waldir Bevidas.

Apesar o percurso da “comparação/confrontação/homologação” entre os conceitos da Psicanálise e da Semiótica encontrar-se cheio de obstáculos, o que se busca aqui é tentar equacioná-los, de modo a viabilizar uma interlocução teórica entre ambas.

Atentando para o fato de que os estudos feitos a cerca da estrutura linguageira do inconsciente deixam espaços, os quais os caracterizam como não definidos e, portanto, mercedores de novas explorações, Bevidas (2002) questiona o registro do Simbólico em Lacan, ou melhor, o significante lacaniano. E, retomando a tese “metodológica” da estrutura da linguagem do inconsciente, o autor a define como a “apodicidade interna da psicanálise”, uma vez tomada como uma “decisão” quanto ao ser do inconsciente.

O questionamento do autor conduz a uma primeira hipótese: a atualização semiótica da psicanálise. A própria composição da psicanálise lacaniana (Imaginário, Simbólico e Real) e a primazia que o Simbólico (significante) exerce em proferência do Real e do

Imaginário, podem representar um dos espaços deixados pela teoria, permitindo assim, a formulação de tal hipótese.

A segunda proposta é a semiotização do inconsciente. Se a concepção do inconsciente é condicionada à linguagem, poder-se-á colocar o campo psicanalítico sob a perspectiva de uma *teoria do discurso*. Ou seja, poderia se tentar extrair do inconsciente possíveis estruturas que se desenvolvam nas dimensões do discurso, sejam elas, verbais, visuais ou gestuais. Tal proposta se põe nos dizeres de Beividas (2002) tão somente como uma “*hipótese de trabalho*”, para a qual ele aciona a aceção teórica da Semiótica Greimasiana.

Bastante difundida no mundo inteiro, a semiótica greimasiana deu origem ao grupo de Paris na década de 60, formando junto a Bernard Pottier, Joseph Courtés e outros, a Escola Semiótica de Paris. Apresentando como característica mais nítida a preocupação com a estrutura imanente do discurso, o grupo completou a concepção de significação proposta por Hjelmslev. Ampliou o campo da semiótica à descrição dos sistemas não lingüísticos e reformulou a idéia saussureana de sincronia/diacronia, criando a **pancronicia** *latu sensu*, além de apresentar propostas para a análise dos níveis semióticos (níveis superficial e profundo), vistas através de relações internas e externas do texto. Nos estudos mais recentes a cerca da linha de pensamento, temos a discussão do sentido como questão central a ser perseguida.

Em Greimas, o signo não é definido como tal, ou seja, ele não apresenta nenhuma terminologia que possa representar o conjunto das significações como fizeram Saussure, Hjelmslev, Peirce e outros. Mesmo não designando um ponto no qual residem o significante e o significado, Greimas coloca as duas terminologias dentro de um conjunto abstrato quando pressupõe a existência de um sem o outro e do outro sem o um. Se o significado não é possível sem o significante, então eles se inter-relacionam, completam-se, referem-se e, por natureza semântica, devem ser *semas* de um *semema*.

O objeto de estudo da semiótica é muito mais amplo do que possa parecer à primeira vista. O conceito de texto tem aqui desdobramentos normalmente não abarcados pela aceção do senso comum. Ele pode ser tanto um texto lingüístico, escrito ou falado,

como também um texto visual, auditivo, gestual, plástico ou até mesmo gustativo. Também podendo ser uma combinação de vários textos diferentes.

Para que a análise semiótica possa dar conta desse sincretismo textual, ela necessita de ferramentas que não apenas examinem as especificidades de cada forma de expressão, mas também estabeleçam relações entre elas dentro de um mesmo campo teórico. Ela precisa ainda compreender o texto não só como um objeto de significação que forma o todo coeso graças às suas estruturas internas, mas também como um objeto de comunicação que estabelece relações com outros textos. Esse é, exatamente, o amplo e ambicioso projeto descritivo iniciado por Greimas.

A semiótica greimasiana propõe que o *sentido* de um texto seja construído por um percurso gerativo, dividido em três níveis: *nível fundamental*, *nível narrativo* e *nível discursivo*. Ela estabelece uma sintaxe e semântica própria para a análise em cada um desses níveis, que têm, portanto, uma estrutura autônoma, e descreve as relações que cada nível estabelece com os demais.

Greimas desenvolveu um método que permite analisar a organização dos estudos, no plano do *conteúdo*, a partir do conceito de *narratividade*. Esses estudos levaram Greimas a identificar a existência de formas universais de organização da narrativa do texto. A Sintaxe Narrativa se organiza em torno da atuação de um *Sujeito Semiótico*, que realiza um percurso em busca de seu *Objeto de Valor*, motivado por um *Destinador*. A relação existente entre Sujeito Semiótico e Objeto de Valor é estabelecida por meio de uma relação de desejo: o sujeito é semiótico pelo fato de querer.

Nessa busca pelo objeto, o Sujeito é instigado pelo Destinador e ajudado por um *Adjuvante*, ou prejudicado por um *Oponente*. Como se pode notar, o modelo actancial propõe uma organização em pares correlatos em consonância com suas funções desempenhadas os quais, para o estudioso Waldir Beividas, nos levam aos conceitos lacanianos.

Dessa forma, teríamos o *objeto a*, que é o objeto causa do desejo, cuja obtenção traria a ilusão de completude ao sujeito, correspondendo ao Objeto de Valor de Greimas, e o *Outro* de Lacan

corresponderia ao Destinator, uma vez ser ele o determinante do elo de constituição do sujeito e seu inconsciente. O Opositor da semiótica seria representado pelo *outro* da psicanálise, que é o sujeito imaginário, e os *Sujeitos* corresponderiam entre si, porém, o sujeito psicanalítico se apresenta “dividido”, barrado. É o matema da psicanálise $\$ \Leftrightarrow a$.

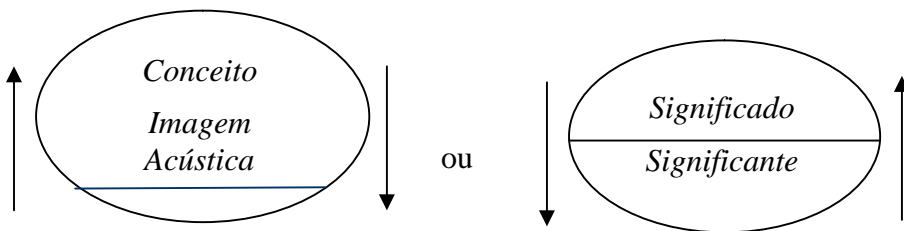
Esse percurso nos leva ao questionamento propulsor deste artigo: como fazer dialogar duas disciplinas, quando uma delas é fundada na primazia do significante (que nada significa) – a Psicanálise, e a outra é fundada na primazia do conteúdo (onde tudo quer significar) – a Semiótica? Vê-se, a longas distâncias, que é em torno do conceito de significante que reside tal resposta. É em torno dele que se situa a possível interlocução teórica.

2.1. O SIGNIFICANTE LACANIANO E O SIGNIFICANTE SAUSSUREANO

A linguagem e a psicanálise apresentam domínios bem contíguos possibilitando, ao falarmos em Lacan, trilharmos (ou pelo menos tentar) a passagem do caminho de um campo para o outro. O postulado lacaniano de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” significa que o inconsciente segue as leis da linguagem e nos cabe aqui, verificar como o objeto da psicanálise – o inconsciente – está integrado a uma outra teoria da linguagem: a teoria saussuriana. Um dos objetivos visados por Lacan foi o de nos propor uma possível argumentação sobre os procedimentos que contribuem para a determinação do sujeito pelo significante. O que Lacan tenta fazer é buscar argumentos para esclarecer a intrínseca relação da estrutura do sujeito à lógica do significante. Além de articular uma teoria que possibilite conceituar o “sujeito” pela via da elaboração de sua teoria do significante, situando a radical singularidade e sua relação como Real, o que para ele é irrepresentável pelo cálculo. Para tanto, é necessário percorrermos alguns caminhos.

Para Saussure, o signo lingüístico é uma entidade psíquica de dupla face, o significado (conceito) + o significante (imagem acústica), formando um conjunto separável até certo ponto. Como um

não existe sem o outro, ambos estão circunscrito em uma elipse. Na relação entre os dois emerge a significação, cujo valor será determinado dentro do sistema de signos numa relação entre signos. As setas apontadas para baixo e para cima significam que é indiferente ao resultado (a significação), à troca de lugares.



Algoritmo Saussuriano

Lacan utiliza-se do algoritmo saussuriano e postula a diferença entre o significante para a Linguística e para a Psicanálise. Ele elimina a elipse e quebra a unidade do signo, torna resistente à significação a barra que separa o significante do significado e inverte os termos. O significante deve ficar sempre na parte superior, acima da barra, representado por um S maiúsculo, e o significado ficará abaixo, representado por um s minúsculo.



Algoritmo Lacaniano

O algoritmo saussuriano indica que a significação é atingida necessariamente, independente da oposição quer do significante (imagem acústica) quer do significado (conceito), desde que sejam circunscritos dentro de uma elipse, isto é, desde que se relacionem reciprocamente. As setas mostram exatamente a relação entre significado e significante dentro de um contexto específico.

O algoritmo lacaniano indica algumas diferenças em relação ao de Saussure. Para Lacan, essa teoria ao ser lida com os elementos da psicanálise freudiana, produz uma nova articulação onde a posição dos termos se inverte. O significante vem abaixo do significado, que tem em sua proposição uma função primordial. Ele sublinhava que toda significação remeteria a outra significação e, através disso, deduzia a idéia de que o significante deveria ser isolado do significado como uma letra desprovida de significação, mas determinante para o destino do inconsciente do sujeito. O sujeito que não é o *eu*, mas o sujeito do inconsciente.

Lacan grafa, ainda, o significante com letra maiúscula, porque sua presença na fala prevalece. O falante desliza de significante em significante sem conseguir entender o que fala, ou seja, está alienado do sentido daquilo que diz. Por isso mesmo, Lacan torna a barra que separa significante de significado mais grossa, mais resistente ao significado. O falante só consegue “atravessar a barra”, isto é, atingir o sentido do que fala em raros momentos. Por isso mesmo é grafado com “s” minúsculo. Além disso, não há nenhuma elipse que os circunscreva, pois não há “relação” entre significante e significado, como há em Saussure. O significado é atingido por ação imprevisível das formações do inconsciente (sonhos, chistes, sintoma e atos falhos). Pode-se dizer, aqui, que o significante de Lacan engloba o signo lingüístico de Saussure.

É nesse ponto, que Arrivé pontua as convergências existentes entre Lacan e Saussure quando fala em duplicidade ou dualidade. Saussure fala em *dualidade*, embora se possa encontrar a palavra duplicidade; e Lacan adota *duplicidade*, jogando com o duplo sentido de duplicidade. Em Lacan, é o significante que determina o significado, sem reciprocidade, não havendo nada disso em Saussure, embora em ambos seja impossível apresentar o significante sem apresentar também o significado.

Outro ponto em comum, conforme sublinha Arrivé, é no que refere à articulação dos dois significantes. A noção de articulação é o elemento central da teoria saussuriana do signo. Na teoria lacaniana do significante, ocorre o mesmo, pois o significante lacaniano é segmentado segundo cortes que não vêm de lugar nenhum, a não ser

do próprio sistema. A articulação do significante lacaniano é marcada com metáforas.

Com relação à concepção do significante como *CORTE*, é algo inaugural em Lacan. A própria idéia é um encadeamento de significantes – a “cadeia significante” – que não adquire todo o seu valor operatório na lingüística estrutural, senão a partir da noção de corte, que para Miller (1984, p.16), seria a vertente do “sem-sentido”. Aliás, é explicitamente nesses termos que Saussure o indica:

A língua é [...] comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, não se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som... . (SAUSSURE, 1916/2004, p. 131)

Como é explicitado no *Seminário XI*, o significante lacaniano é produto de um corte, um corte duplo entre o significante e a coisa, por um lado; entre os significantes, por outro. Relacionando-os à Saussure, podemos observar que esse gesto estava associado a um dos princípios do signo saussuriano: *o princípio de arbitrariedade*. Nesse ponto, poderíamos dizer que Lacan manifesta, com maior evidência, um grande enraizamento lingüístico. Um dos exemplos que o atrai mais freqüentemente é o da oposição dos significantes *dia* e *noite*, dos quais ele faz análises lingüísticas. Ele recusa aquilo que, do significante poderia ser tomado por um vestígio do objeto designado, se afastando assim, da semiótica peirceana.

Em seu CLG, Saussure (1916/2004, p. 81) afirma que “O laço que une o significante ao significado arbitrário, [...] o signo lingüístico é arbitrário”. Tais nomações são contestadas por Lacan quando este coloca o significante na categoria de contingente. Mas que, para Arrivé, a contingência do significante lacaniano é exatamente a mesma coisa que a arbitrariedade saussuriana.

Assim, como lembra Saussure (1916/2004, p. 131): “...a língua elabora suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas”. A cadeia falada é então considerada como uma dupla cadeia, de

tal modo que qualquer delimitação subsequente na cadeia dos sons produz o signo lingüístico, ou seja, uma unidade de significação que associa um significante a um significado. O significante nasce, portanto, exatamente do corte que o associa a um conceito. O surgimento do significante é indissociável do engendramento do signo como tal, em sua totalidade e sob o efeito desse corte. Sabe-se que Lacan modificou um pouco essa concepção saussuriana fundada em sua abordagem da experiência do inconsciente. Uma das concepções de Lacan consiste no reconhecimento da existência de um fluxo de significantes e de um fluxo de significados, contrariamente à conceitualização saussuriana que mencionava duas massas amorfas de pensamentos e de sons.

Por outro lado, como mencionado, Lacan acentua a “prioridade” do significante sobre o significado quanto inverte o algoritmo de Saussure. Assim, para o estudioso, não se trata mais de considerar o “corte” como o que uniria um significante a um significado, determinando ambos em um mesmo movimento produtor do signo. Ele insiste na colocação em evidência de uma nova delimitação, a qual define como **PONTO-DE-ESTOFO**, sabendo que a relação do significante com o significado é sempre “prestes a se desfazer”. O ponto-de-estofa é a operação que cessa o deslizamento indefinido da significação, cortado, até mesmo, por recorte. De fato, a noção lacaniana de ponto-de-estofa retoma o conceito de “*valor de signo*” saussuriano. Se como formula Saussure (1916/2004, p. 136), “... em uma língua cada termo tem seu valor em oposição a todos os outros termos”, é somente no final da articulação significante que a significação advém.

De difícil acompanhamento, a obra de Lacan é uma mostra dos conceitos que trabalha. O pensamento de Lacan exercita-se e resolve-se na remissão a outros textos. Puxa fios e os tece aos seus, realizando uma apropriação em que é difícil, afora nos momentos em que a explicita, dizer o que é seu e o que é do outro. Um dos fios articula Lacan às investigações sobre a linguagem, tendo como esteio a figura de Ferdinand de Saussure. Lacan se apropria do algoritmo saussuriano, mas sua apropriação guarda caracteres de deformação.

O algoritmo criado por Saussure procura dar conta do signo lingüístico, em que a barra separa a significação do significante e indica a superioridade do significado. Para Lacan, a barra resistente à significação, simboliza o desvio do espírito na procura de sentido. A barra simboliza o recalque do significado.

Ao signo, Saussure atribui dois princípios: a arbitrariedade e a linearidade. Lacan inverte o algoritmo de Saussure: coloca o significante acima do significado e dar a entender que tal atitude reside em teorizar, de modo lógico, o vínculo entre o sujeito e o significante. O certo é que Lacan, a partir de 1954, enfatiza a noção de significante e a mesclará às suas análises da linguagem.

2.2. O SIGNIFICANTE DE LACAN E A FORMA SEMIÓTICA DE HJELMSLEV

Abordado o significante lacaniano, observemos os exemplos por ele utilizados. Assim como consta no CLG de Saussure o esquema da árvore, o qual ilustra a relação entre a coisa e o nome em sua articulação do significante, Lacan faz uma bela meditação entre o par *dia/noite*. No mesmo texto ele faz uso de exemplos vizinhos, como *homem/mulher* representando o esquema das “portas gêmeas”. Segundo Beividas (2002), mais que os exemplos, as análise que Lacan propõe para os seus exemplos, são procedimentos de cunho semântico. Ou seja, são análises de oposições de unidades do plano de conteúdo, oposições de lexemas, e não uma oposição de fonemas, enquanto unidades do plano de expressão. Enquanto no plano de expressão estão os *fonemas*, no plano de conteúdo estão os *semas*, os quais respondem pelos possíveis efeitos de sentido. Com isso, pode-se inferir que por mais que Lacan queira negar o sentido em seu significante, outros tantos exemplos utilizados por ele fazem parte da interpretação semântica.

Os conceitos *conteúdo* e *expressão* provêm da teoria do signo de Hjelmslev. Ao contrário da teoria tradicional do signo de Saussure, que diz sê-lo a expressão de um conteúdo, Hjelmslev a concebe sob dois planos: o conteúdo (significado) e a expressão (significante). Para ele a significação, entendida como *função semió-*

tica, é a relação de dependência que se estabelece entre o plano de expressão e o plano de conteúdo. Há uma relação de dependência (ou papel exercido) em que um não existe sem o outro - princípio de solidariedade. Para o dinamarquês, cada plano compreende dois níveis: a forma e a substância. Assim, há uma forma do conteúdo e uma substância do conteúdo; uma forma da expressão e uma substância da expressão. A forma da expressão são diferenças fônicas e a forma do conteúdo são diferenças semânticas; a substância da expressão são os sons e a substância do conteúdo, os conceitos. Assim, o signo hjelmsleviano une uma forma de expressão a uma forma do conteúdo. Daí, se considerar a articulação do significante lacaniano como uma *forma semiótica*, ou seja, uma articulação da forma de expressão/forma de conteúdo.

Baseado nessa nova face do significante de Lacan propõe-se, aqui, ir além da linguagem verbal, na psicanálise. É sabido que nos sintomas somatizados, há toda uma “linguagem” corporal, não sendo esta considerada, necessariamente, apenas a manifestação verbal do discurso do paciente. Enquanto Saussure define a língua como um sistema de signos verbais, Hjelmslev diz sê-lo “um sistema de figuras” ou não-signos. Para ele toda linguagem é semiótica. Logo, as manifestações de linguagem sintomáticas, podem ser consideradas *formas semióticas*.

Situando a função semiótica num *aquém* da forma lingüística (ou outras formas códicas de manifestação da linguagem), Hjelmslev permite a Greimas postular que a função semiótica realiza uma forma semiótica que lhe é “anterior”. Ou seja, há uma forma semiótica da estruturação dos efeitos de sentido dos discursos que é anterior às organizações códicas de sua manifestação concreta. Construindo-se, portanto, como uma tessitura narrativa que é concebida através de um percurso gerativo.

Com isso, o campo psicanalítico é interceptado novamente e tem suas *formações do inconsciente* (sonhos, atos falhos, deslocamentos...) consideradas como *formações semióticas*. Anterior à sua organização numa linguagem de manifestação qualquer (verbal, gestual...), essas formações são formas semióticas de manifestação do inconsciente no discurso. Logo, pode-se concluir que o significante

de Lacan é uma forma semiótica não apenas pela condição de articulação (conteúdo e expressão), mas também pelas várias manifestações que ele pode ter concebido. Ter ido além dos aspectos lingüístico ou verbal. É em função desse caráter, que Beividas (2002, p. 308) não exita em afirmar, e diz sê-lo levado a admitir, que “Lacan fora um semioticista”.

2.3. O “NÃO-SENTIDO” DO SIGNIFICANTE DE LACAN

Enquanto teoria da significação, a semiótica ajuda a estruturá-la antes da interpretação. A psicanálise por sua vez, não é uma teoria lingüística. E se Lacan viesou seus estudos pelo campo lingüístico, foi para a teorização de seu significante psicanalítico, cujo sujeito é introduzido na raiz do significante. A assertiva de Lacan (1966, p.819) de que “um significante é o que representa o sujeito para um outro significante”, não permite nenhum questionamento quanto à interligação da teoria do significante lacaniano e a teoria do sujeito. Porém, é sabido que sua elaboração foi feita em crítica à noção do signo de Peirce.

Compatível com a idéia de Hjelmslev de que “a língua é capaz de formar qualquer sentido”, Peirce diz que “o signo representa alguma coisa para alguém” independente do tipo de linguagem. Para tal, a teoria semiótica de Greimas tenta explicar essa polivalência através da *isotopia*. Entenda-se isotopia como um conjunto de semas que fazem parte de uma mesma classe sintagmática.

Nas bases da teoria semiótica, a isotopia é proposta como um rastreamento de semas de mesma classe que permite ao destinatário uma leitura fundada na organização estrutural sêmica, para a significação aí produzida. Ou seja, a recorrência de um traço semântico ao longo de um texto determina o plano de leitura.

Quando Lacan (1966, p. 819) procura se afastar da definição do signo peirceano com o aforismo de que “um significante é o que representa o sujeito para um outro significante”, ele acentua que as várias isotopias, pelas quais o discurso constrói seus efeitos de sentido, estão conectados a uma isotopia específica e subjetiva: o *desejo*.

Na leitura da “dialética do desejo”, o sujeito do inconsciente irrompe da cadeia do discurso, seu traço pertinente é o desejo.

Logo, o aforismo lacaniano não apresenta um sujeito lingüístico, mas uma leitura específica da “verdade” do inconsciente, aquela que o desejo sobredetermina. O aforismo sugeriria, assim, uma isotopia para todo discurso: a *isotopia do desejo*.

A proposta de Lacan da isotopia do desejo marca sua importância no momento em que nos faz questionar a “falta de sentido”, atribuída por ele em sua teoria do significado. Para Lacan (1916, citado por Beividas, 2002), a barra do “não-sentido” não deve ser entendida como “sem-significação”, mas como “... a face recusada que o sentido oferece ao lado do significado”.

Com isso, conclui-se que a teoria lacaniana do significado não é desprovida de sentido, e a coloca como sendo “negada” a partir do momento em que o sujeito o recusa. É a presença da significação recusada do desejo.

Outra conseqüência latente da isotopia do desejo proposta por Lacan, é a possibilidade de se organizar e estruturar os conceitos psicanalíticos. Estes poderiam ser explorados como a estrutura actancial ou sêmio-narrativa da isotopia do desejo, isto é, a estruturação das funções atuantes dela.

Dessa forma, poder-se-ia dizer que o conceito de isotopia do desejo permitiria à Psicanálise a exploração de estruturas de natureza semântica, possibilitando, assim, a interlocução psicanalítico-semiótica aqui proposta.

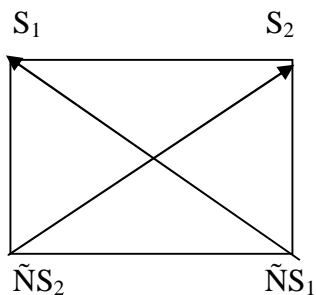
2.4. O “PERCURSO GERATIVO” DA SUBJETIVIDADE DO INCONSCIENTE

Primeiramente é importante salientar que os momentos vistos na parte inicial desse estudo, constituem *condições prévias* para tornar possível a hipótese de todo o estudo que o presente artigo tem por fim delinear. E que não constituem, por si só, subsídios únicos e determinantes para tal formulação, requerendo, porém, novos olhares e profundas investigações.

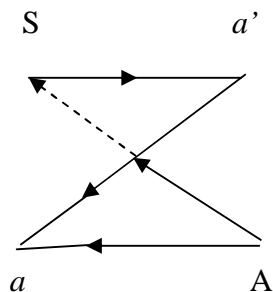
Se as hipóteses até aqui apontadas, como a homologação do significante lacaniano à forma semiótica e o aforismo de um significante representar o sujeito para um outro significante puderem ser consideradas legítimas, a interlocução entre a psicanálise e a semiótica pode ser sim efetivada.

Poder-se-ia, nesse sentido, acionar tal interlocução do esquema de Lacan da “dialética da intersubjetividade” e o quadrado semiótico de Greimas.

Quadrado Semiótico

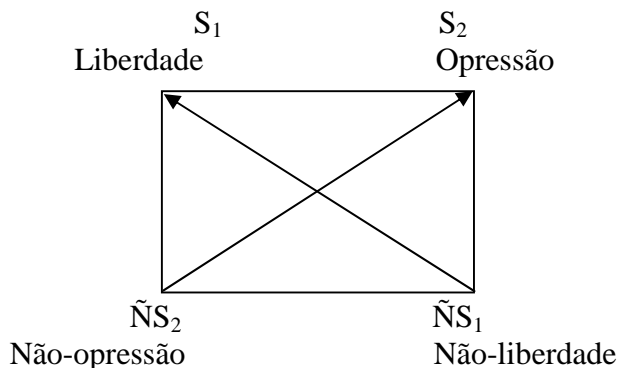


Quadrado da Subjetivação



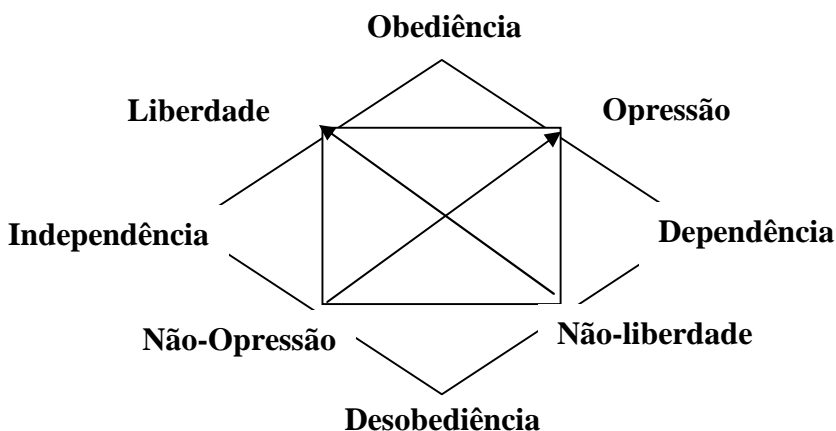
O quadrado semiótico greimasiano é uma estrutura formal, em que a relação entre $S_1 - S_2$ define-se como uma relação de termos *contrários* entre $\tilde{n} S_1$ e $\tilde{n} S_2$, como uma relação entre *sub-contrários*. Ambas são relações de contrariedade, porém as relações entre $S_1 - \tilde{n} S_1$ e $S_2 - \tilde{n} S_2$ são relações de *contradição*, e as relações entre $\tilde{n} S_2 - S_1$ e $\tilde{n} S_1 - S_2$ definem-se como relação de *implicação*.

Como ilustração, poderemos representar graficamente a oposição ***Liberdade vs Opressão*** no quadrado semiótico:

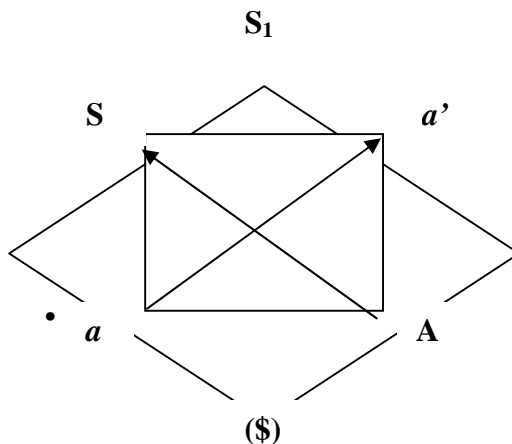


Para tentar a aproximação, o quadrado da subjetividade de Lacan indica a relação da “verdade” do sujeito: a relação inconsciente ou “simbólica” que vai do Outro (A) ao Sujeito (S); por sua vez, o eixo da manifestação, ou da aparência, se homologaria ao eixo da “relação imaginária” que em Lacan vai do outro (a') ao ego (a).

As relações estabelecidas pelos quatro termos do Quadrado Semiótico fazem surgir mais quatro termos, numa posição hierarquicamente superior, chamados *metatermos*. A partir dessa junção, teremos não mais um quadrado e sim, um octógono – o *Octógono Semiótico*.



Se tentássemos aproximar o octógono semiótico ao quadrado lacaniano da subjetivação, chegaríamos ao seguinte esquema:



Nesse sentido, a dêixis do **S** (*sujeito do inconsciente*) por implicação do **a** (*ego – sujeito cartesiano*), definiria o sujeito “barrado”. Por sua vez, a dêixis da relação entre **Outro** e **outro** ($A - a'$), se definiria como o que Lacan chama de **Objeto a**. Por fim, o S_1 e S_2 (significante lacaniano 1 e significante lacaniano 2) definem o conjunto representante da cadeia discursiva.

Logo, os quatro conceitos essenciais da psicanálise ($\$, a, S_1$ e S_2) passariam à possibilidade de uma integração estrutural e paradigmática, prevendo, dessa forma, novas possíveis relações a serem exploradas.

Sendo assim, se a relação interpretativa aqui proposta for validável teoricamente, a psicanálise poderá vir a utilizar em suas estruturas clínicas, “matrizes paradigmáticas” como recurso metodológico. Em que cada estrutura seria modalizada e sobremodalizada especificamente.

Diante da formulação, teríamos a chance de estabelecer ao losango de Lacan, **níveis de profundidades** tendo definido os *níveis fundamental, de superfície e discursivo*.

Enquanto percurso “hipotético”, o que se buscou aqui foi equacionar os conceitos da Psicanálise e da Semiótica, procuran-

do, assim, uma interlocução entre tais teorias. Estando estas passíveis a constantes mudanças, análises e investigações, não podem ser dadas como concluídas, o que não nos permite, portanto, uma conclusão precisa.

A referência ao significante de Lacan e à forma semiótica de Greimas, a partir da noção de signo de Hjelmslev, foi o que se propôs, nesse sentido, a encontrar pontos convergentes entre a Psicanálise e a Semiótica.

A primeira convergência apontada é quanto à primazia do Simbólico em Lacan, sob o Real e o Imaginário – primeira perspectiva semiótica. Um segundo aspecto que fica à sombra, é a possibilidade de uma semiotização do inconsciente, uma vez está este condicionado à linguagem. O terceiro ponto semelhante, por sua vez, emerge a *barra* do “não-sentido” na teoria do significado lacaniano. Que diz sê-lo, não desprovido de sentido, mas *negado* pelo sujeito a partir do desejo do mesmo. Em conseqüência, poder-se-ia estruturar os conceitos psicanalíticos de forma actancial, elaborando um “percurso gerativo” da subjetividade do inconsciente.

Embora este trabalho se conclua a guisa de suposições, uma coisa permanece convicta:

... o inconsciente freudiano está tão entrelaçado [...] no discurso, que toda aventura que tente explorar os modos sutis e inusitados desse entrelaçamento parece ter o direito de existir. (BEVIDAS, 2002, p.378).

Independente das leis que regeram este trabalho, a linguagem esteve onipresente ao longo de itinerário saussuro-lacaniano (se assim podemos concebê-lo) mostrando, além das diferenças que subsistem ao encontro, o profundo parentesco entre ambos. A referência ao significante, ele uma *materialidade* psíquica, auditiva ou da escrita em Saussure e não muito diferente em Lacan, levou-nos a pensar numa relação entre os termos. Para ficar claro que os significados não refletem distinções objetivas pré-existentes à configuração sígnica, é que se propôs, nesse aspecto, encontrar o

ponto distintivo do significante para a Psicanálise e o significante para a Lingüística.

A primeira observação apontada é quanto ao deslizamento do significante, ou até mesmo sua autonomização, tal como Lacan o vê, em relação a Saussure:

1. Lacan não pode ser criticado de distorção, na medida em que seu uso do signo saussuriano foi confessadamente livre; ele não tinha a intenção de trazer a Lingüística para compor a Psicanálise; ademais, não confiou muito no modo de divulgação do CLG: considerava que Saussure ia além daquelas páginas. Diria mesmo que Lacan foi mais saussuriano que "Saussure".
2. Pistas deixadas no CLG, de certa forma permitem "ler" uma reflexão intrigante sobre essa questão do deslizamento, da precariedade da elipse, se pode-se dizer – principalmente onde se trata da mutabilidade e da imutabilidade do signo, onde a temporalidade tem um peso considerável. Nesse sentido vejo no tratamento de Lacan aquele passo além que Saussure tentou dar no estudo dos anagramas.

Um outro aspecto que fica na sombra, na discussão do signo, é a não-coincidência de conceitos como **valor/significado/ sentido/significação**, e que muitas vezes ficam neutralizados nas discussões, mas que não coube ao artigo tal investigação. Por fim, emerge a presença do sujeito na linguagem. Para a psicanálise, a linguagem, ou o inconsciente estruturado como uma linguagem constitui tanto o sujeito como o objeto em suas perpétuas transformações – transformações que se operam no interior desta mesma linguagem. A psicanálise, neste sentido, se diferencia da lingüística pelo fato de o significante (como elemento diacrítico e, portanto, diferencial) se definir para um sujeito. Acreditamos e insistimos que essa diferença resida na introdução do sujeito como efeito da estrutura e, conseqüentemente, da letra como algo significante que especifica pelo usufruto que deste faz o sujeito.

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, Michel. **Linguagem e Psicanálise, lingüística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BEIVIDAS, Waldir. **Inconsciente *et verbum*: psicanálise, semiótica, ciência, estrutura**. São Paulo: Humanitas, 2001.

_____. Pulsão, afeto e paixão. Psicanálise e Semiótica. In: **Psicologia e estudo**. (Vol.11) Maringá: UEM, 2006. (pp. 393-400).

_____. **Semióticas Sincréticas (O Cinema)**. São Paulo: Departamento Nacional do Livro, 2006.

DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

GREIMAS, A.J. Os Atuantes, os Atores e as Figuras. In: **Semiótica Narrativa e Textual**. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1989.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

LACAN, Jacques. (1988). **Escritos**. (I. Oseki-Depré, trad.). São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1966. Título original: *Ecrits*).

LACAN, Jacques (1985). **O seminário**. Livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, (Trabalho original publicado em 1975).

LONGO, Leila. **Linguagem e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

MILLER, Jacques (1992). **Percorso de Lacan – uma introdução**. (A. Roitman, trad., 3a ed.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

SAUSSURE, Ferdinand de. (2004). **Curso de Lingüística Geral**. (A. Chelini, J. P. Paes & I. Blikstein, trads., 32a ed.). São Paulo: Cultrix.